



INICIATIVAS CULTURAIS E REVITALIZAÇÃO DE CENTROS HISTÓRICOS: O CASO RECENTE DA RIBEIRA, NATAL/RN.

Maísa Veloso

GRUPO PROJÉTAR, Departamento de Arquitetura, UFRN.
maisaveloso@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre o processo de revitalização de centros históricos a partir de ações culturais, tomando como exemplo ilustrativo o caso recente do bairro da Ribeira, no centro antigo de Natal/RN. Tem como objetivo principal discutir as potencialidades e limites de iniciativas privadas no campo cultural, sobretudo no que se refere à (re)construção da identidade de lugares degradados por processos de estagnação econômica e social e à conservação de seu patrimônio edificado. Baseia-se na revisão de parte da literatura referente ao assunto e em avaliações de experiências similares em centros históricos. À luz destas referências, analisa-se o recém-implantado projeto Circuito Cultural Ribeira, com ênfase em duas iniciativas de grupos privados que lhes são anteriores: a Casa da Ribeira (fundada pelo Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare) e o Espaço Cultural Buraco da Catita (da Banda Catita, Choro e Gafieira) – que têm atraído público de todas as idades para o bairro e, em sua esteira, uma série de outras ações visando sua recuperação. Discute também o papel do poder público local neste processo e conclui destacando a necessidade de melhor articulação entre as iniciativas públicas e privadas e maior cuidado com os novos usos de espaços arquitetônicos e urbanos.

Palavras-chave: Cultura. Teatro. Música. Revitalização. Centros Históricos.

RÉSUMÉ

Cet article présente des réflexions sur le processus de mise en valeur des centres historiques au travers d'actions culturelles, ayant comme exemple le cas récent du quartier de la Ribeira, Natal/RN. Le but principal est de discuter les avantages et les limites des initiatives privées dans le champ culturel, surtout en ce qui concerne la (re)construction de l'identité des lieux dégradés par des processus de stagnation économique et sociale. À partir de la révision de la bibliographie inhérente à ce sujet et des évaluations d'expériences similaires, on analyse le projet culturel récemment inauguré, nommé « Circuito Cultural Ribeira » et deux initiatives privées qui lui sont antérieures : la « Casa da Ribeira » (fondée par le groupe de théâtre Clowns de Shakespeare) et l'espace culturel « Buraco da Catita » (du groupe Catita, Choro e Gafieira) – qui amènent au quartier des publics de tous les âges, aussi bien que d'autres actions envisageant sa récupération. On discute également le rôle du pouvoir public local dans ce processus et on conclut en signalant la nécessité d'une articulation plus efficace entre les initiatives publiques et privées et d'un plus grand soin avec les nouveaux usages des espaces architecturaux et urbains.

Mots-clés: Culture. Théâtre. Musique. Mise-en-valeur. Centres Historiques.

1 INTRODUÇÃO

Le patrimoine est le lieu naturel et historique de genèse et d'affirmation des identités individuelles et collectives. Le patrimoine apparaît alors comme une sorte de synthèse, ou mieux de mémoire cristallisée, qui serait l'image de l'identité acquise au long d'une longue quête inscrite dans le temps. Il constitue dès lors un enjeu existentiel, individuel ou collectif. (AUDRERIE, 2003, p. 52).

A afirmação acima coloca em evidência a relação entre memória e identidade cultural de um lugar (natural ou histórico), como um dos elementos definidores de seu patrimônio, seja do ponto de vista individual ou coletivo. O sentido de lugar aqui empregado é então tanto físico como sócio-cultural, e nele a questão da(s) identidade(s), e de seu reconhecimento, desempenha papel relevante. Que cidade ou região não gostaria de ser reconhecida por seu patrimônio, algo que lhe confira uma identidade? A busca por instrumentos de proteção visaria então o reconhecimento externo do patrimônio local, manifestação tangível de uma identidade. O patrimônio é assim convertido numa espécie de emblema, a imagem de um território (AUDRERIE, 2003, p. 53). Ou, como diria Jeudy (2005), o “espelho das cidades”.

Mas o que acontece quando esta imagem refletida é distorcida ou degradada pela ação do tempo ou da devastação física quase sempre imbricada a processos de decadência econômica e social? Ainda segundo Audrerie, a força do patrimônio seria tanta que sua destruição também destruiria aquilo que ele representa. Inúmeros são os exemplos históricos de vandalismos e/ou derrubadas de símbolos de determinadas épocas, regimes políticos ou escolas de pensamento civil ou religioso. Mas o maior dos vandalismos, destaca o autor, é aquele do desinteresse, quando os contemporâneos não reconhecem mais seu patrimônio como algo de valor.

Este é o caso de muitas áreas históricas degradadas por processos de desindustrialização ou de mudança de pólos de comércio e serviços. Há ainda o caso de centros antigos de valor sócio-cultural que não resistiram à saída dos moradores que lhes davam vitalidade para novos bairros de expansão urbana (Choay, 2001). Teriam ido embora com eles a memória e a identidade do lugar? Ficaria este último resumido a lembranças de um passado glorioso? Poderia esta identidade ser reconstruída posteriormente por novas populações que não tenham tido a vivência deste passado?

São muitas e complexas as questões que envolvem a questão da identidade cultural de um lugar e de sua reconstrução por iniciativas de revitalização. Nas últimas décadas, temos assistido a um grande número de ações restauradoras com foco na cultura. Algumas delas

são integradas a estratégias mais abrangentes de gestão urbana integrada, que envolvem desde incentivos econômicos e fiscais a intervenções públicas em espaços urbanos e a recuperação de edifícios degradados. Muitas outras são pontuais e dependem sobretudo da iniciativa de grupos artísticos autônomos que ocupam espaços centrais de baixo valor imobiliário, conferindo-lhes uma nova identidade.

É sobre esta última situação, muito comum no nosso país, que centramos o foco deste artigo. Ele apresenta reflexões sobre o processo de revitalização de centros históricos a partir de ações culturais, tomando como exemplo ilustrativo o caso recente do bairro da Ribeira, no centro antigo de Natal/RN. Tem como objetivo principal discutir as potencialidades e os limites de iniciativas privadas no campo cultural, sobretudo no que se refere à (re)construção da identidade de lugares degradados por processos de estagnação econômica e social e à conservação de seu patrimônio edificado. Baseia-se na revisão de parte da literatura referente ao assunto e em avaliações de experiências similares em centros históricos. À luz destas referências, analisa-se o recém-implantado projeto Circuito Cultural Ribeira, com ênfase em duas iniciativas de grupos privados que lhes são anteriores: a Casa da Ribeira (fundada pelo Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare) e o Espaço Cultural Buraco da Catita (da Banda Catita, Choro e Gafieira) – que têm atraído público de todas as idades para o bairro e, em sua esteira, uma série de outras ações visando sua recuperação. Discute-se também o papel do poder público local neste processo.

Inicialmente, apresentamos brevemente o bairro da Ribeira em Natal e, em seguida, os programas públicos que buscam há duas décadas a sua revitalização. Na seção 4, são analisados os projetos culturais de grupos artísticos inovadores que se debruçaram cotidianamente na tarefa de trazer nova vitalidade e sociabilidade para o bairro. Finalmente, retomamos as questões iniciais para, com base na avaliação crítica destas experiências e de outras similares, chegarmos a algumas conclusões.

2 CENTRO HISTÓRICO DA RIBEIRA: APOGEU, DECADÊNCIA E QUASE MORTE

A história do bairro da Ribeira se confunde com a história de Natal, que, por sua vez, já nasceu cidade, em 1599, sem nunca ter sido vila ou povoado. No entanto, ao longo dos três primeiros séculos pouco se desenvolveu; somente nas últimas décadas do século XVIII começa a consolidação de dois núcleos urbanos, um na porção elevada da cidade (Cidade Alta) e outro na parte baixa (Ribeira), onde se localizava o porto de ancoragem de embarcações, às margens do Rio Potengi (SILVA, 2002).

As construções foram sendo erguidas ao longo dos anos. No ano 1850, foram construídos os primeiros prédios da Rua Chile, antiga Rua do Comércio (figura 01). Em 1869, a Ribeira passou a abrigar a sede administrativa da Província, que se transferiu para um sobrado na Rua Chile, local no qual permaneceu até o ano de 1912. No início do século XX, são construídas edificações imponentes, como o Teatro Alberto Maranhão e o prédio da Junta Comercial do Estado.



Figura 1: Ribeira: Antiga Rua do Comércio – atual Rua Chile. Fonte: SEMURB/PMN.

Apesar do caráter comercial da Ribeira, desde seu povoamento, o uso residência também constituía parte significativa das edificações da área. Até meados dos anos 1930, os bairros da Ribeira e Cidade Alta eram interligados apenas por uma via (atual Junqueira Aires), que cruzava um braço do Rio Potengi, responsável pelos constantes alagamentos na área. Assim sendo, esse dois bairros tinham vidas quase que independentes.

Com a implantação do Plano “Cidade Nova” no início século XX, surgem dois novos bairros residenciais (Petrópolis e Tirol) e o comércio tende a se concentrar na Cidade Alta. A Ribeira passa por sua primeira crise.

É durante a II Grande Guerra Mundial que o bairro conhece o seu apogeu. Em função da posição geográfica privilegiada, foi instalada na cidade de Natal uma base aérea norte-americana, sendo intenso o fluxo de soldados e de dólares. O porto e a base hidroviária do Potengi também vivenciaram grande movimentação. Na esteira deste processo, surgiram hotéis, cinemas, clubes de lazer noturno e novos pontos de comércio. A Ribeira transformou-se em palco de importantes eventos políticos, administrativos, econômicos e culturais, assim como local de divertimento. (COSTA, 2006).

Com término da Guerra, que levou consigo pessoas e dinheiro, o bairro entra em um longo e contínuo processo de decadência, o que se intensificou, ainda mais, com o deslocamento do comércio atacadista para o bairro do Alecrim e do varejo para a Cidade Alta, e nos fins dos anos 70, com a transferência do terminal rodoviário para a Cidade da Esperança. Soma-se a isso o próprio crescimento urbano da cidade, com o surgimento de novos bairros e conjuntos habitacionais e novos centros comerciais, que passaram a fazer concorrência com o tradicional comércio da Ribeira e Cidade Alta.

Nos anos 80 e 90, a área resiste através de um comércio cada vez mais enfraquecido, e de estabelecimentos de prestação de serviços, principalmente oficinas de serviços náuticos, consertos em geral e depósitos, e também, por meio do uso institucional de bancos, correios, sindicatos, entre outros (SILVA, 2002).



Figura 2: Rua Chile hoje. Fonte: Bandeira *et al*, 2011.

3 AS TENTATIVAS DE RESSURREIÇÃO: PLANOS E PROGRAMAS PÚBLICOS

A revitalização da Ribeira tem início nos anos 90 por meio de um conjunto de propostas de intervenção no bairro, visando a preservação do patrimônio histórico edificado e a recuperação dos espaços públicos. Dentre outras iniciativas por parte do poder público, destacam-se: o Projeto Viva Ribeira, o Projeto Fachadas da Rua Chile, a reformulação da Praça Augusto Severo com o Largo do Teatro Alberto Maranhão e o Projeto do Canto do Mangue. Mais recentemente, já nos anos 2000, como resposta às diretrizes nacionais, assistiu-se à implantação de programas voltados ao estímulo do uso habitacional, com destaque para o Programa REHABITAR que data de 2002. Em 2005, foi elaborado o Plano de Reabilitação de Áreas Centrais – PRAC-RIBEIRA (TINOCO; TRIGUEIRO; FERRAZ, 2005, p.05).

II Seminário Internacional Urbicentros – Construir, Reconstruir, Desconstruir: morte e vida de centros urbanos Maceió (AL), 27 de setembro a 1º de outubro de 2011.

O PRAC-RIBEIRA tem como objetivos a elevação da auto-estima dos moradores do bairro através da reabilitação, recuperação ou melhoria dos espaços públicos existentes; a ocupação e o uso de edificações subutilizadas, com ênfase aos usos habitacionais e mistos, no sentido de recuperar as características arquitetônicas da edificação; a melhoria das condições de moradia da população de baixa renda, em especial àquelas da comunidade do Maruim; ter subsídios (informações, magnitude de impactos e custos associados) para negociar com agentes interessados em desenvolver propostas e projetos na área de intervenção. São também previstos incentivos para a requalificação de bares, boates e restaurantes, associados ao tratamento urbanístico de becos, travessas e espaços públicos em geral. (PREFEITURA MUNICIPAL DO NATAL, 2005).

No final de 2010, foi feito o tombamento pelo IPHAN do sítio histórico de Natal, delimitado por fração dos bairros da Cidade Alta e da Ribeira, e uma série de programas e ações foi prevista no âmbito do PAC - Cidades Históricas. No entanto, foram conquistados recursos apenas para uma pequena parte dos projetos previstos, como a restauração do Forte dos Reis Magos.

A elaboração destes programas indica que ações conjuntas têm sido discutidas e pensadas no âmbito local e alguns dos projetos a elas vinculados foram de fato implementados (como a recuperação de algumas das fachadas do casario da Rua Chile, a reforma da Praça Augusto Severo e do Canto do Mangue), mas, na prática, observa-se que foram ações pontuais, realizadas em tempos distintos. O Programa REHABITAR não atingiu seus objetivos no que diz respeito à reutilização de edificações históricas. Mas logrou êxito o estímulo ao uso residencial na fração adensável do bairro com a construção de torres de condomínios verticais para as classes média e média alta. Cerca de mil unidades habitacionais devem, em breve, receber algo em torno de quatro mil novos moradores. Certamente, uma nova vitalidade está por vir¹. Enquanto planos e projetos públicos tramitam nas instâncias burocráticas, é sobretudo no âmbito da iniciativa privada que se pode vislumbrar ações mais eficazes para reconstrução da identidade cultural da Ribeira, foco de nossa discussão neste texto.

4 A INICIATIVA PRIVADA, OS PROJETOS CULTURAIS INOVADORES E A CONQUISTA DE UMA NOVA VITALIDADE.

“A Ribeira é o coração e alma da cultura potiguar”.

Esta frase postada por um jovem no *twitter* do Circuito Cultural da Ribeira – 2ª etapa² – indica o significado simbólico que assume o lugar para as pessoas que o vivenciam o bairro

II Seminário Internacional Urbicentros – Construir, Reconstruir, Desconstruir: morte e vida de centros urbanos Maceió (AL), 27 de setembro a 1º de outubro de 2011.

ou, ao menos, que participam das atividades culturais que já há dez anos vêm nele ressurgindo. E isso principalmente graças a iniciativas pioneiras de grupos artísticos locais que se debruçaram cotidianamente na tarefa de trazer nova vitalidade e sociabilidade para a Ribeira.

Atraídos pela memória de um lugar outrora boêmio e charmoso que decerto jamais viveram, mas também pelos baixos custos dos imóveis e dos incentivos de leis federal e estadual de promoção da cultura (respectivamente Leis Rouanet, Djalma Maranhão e Câmara Cascudo), em 2000, o grupo de teatro Clowns de Shakespeare, fundou o Espaço Cultural Casa da Ribeira.

O grupo sonhava há anos com um lugar onde pudesse não só montar e apresentar seus espetáculos, mas também oferecer aos artistas e ao público potiguar um espaço para temporadas e festivais. “Uma casa, no sentido mais acolhedor da palavra, que tivesse qualidade técnica acima das já encontradas em Natal. Ao encontrar um prédio que, há 10 anos fechado encontrava-se praticamente em ruínas, o sonho do grupo virou um projeto”. Para atrair o interesse do público e recursos para o projeto, o grupo empreendeu a atividade denominada “Na Rua da Casa”:

“Um verdadeiro festival multi-artístico que passou a ser realizado mensalmente aos domingos”. Foram, sem dúvida, as 19 edições do evento, realizado em frente ao casarão ainda em ruínas, com a participação voluntária de artistas, que o sonho da Casa começou a ser compartilhado com a população de toda a cidade”³.

O projeto Casa da Ribeira conseguiu então com o apoio financeiro de várias empresas privadas e públicas (principalmente dos ramos da telefonia, petróleo, energia elétrica, construção civil e, posteriormente, de um banco). O antigo casarão à rua Frei Miguelinho, o qual já havia abrigado diversos usos (hospedaria, padaria e armazém de construção), foi adquirido e reformado. O projeto de reuso do arquiteto Haroldo Maranhão restaurou a antiga fachada e previu espaços internos modernos que abrigam uma sala de espetáculos com 170 lugares, um hall de exposições, café/bar e espaços de apoio.

Atualmente, a Casa da Ribeira mantém em operação simultânea 03 projetos socioculturais que beneficiam aproximadamente 30.000 pessoas, entre artistas, público usuário e produção. É também um dos grupos idealizadores e coordenadores do recém-implantado “Circuito Cultural Ribeira”, apresentado adiante.

Enfim, trata-se de um projeto vitorioso, fruto do empreendedorismo de jovens incansáveis na defesa do patrimônio cultural potiguar.



Figura 3: Casa da Ribeira antes e depois da reforma. Fonte: www.casadaribeira.com.br

Outro projeto de iniciativa privada espontânea, e que tem trazido uma nova vitalidade à Ribeira, foi idealizado e implementado por um grupo musical denominado Catita, Choro e Gafieira. Surgiu de uma roda de choro tocado informalmente nas calçadas da Cidade Alta (Beco da Lama) e que, diante do aumento expressivo de freqüentadores e também pela ausência de segurança e infra-estrutura adequadas, desceu à Ribeira para se instalar num antigo imóvel semi-degradado.

Foi assim que surgiu o "Buraco da Catita" em abril de 2008, localizado na esquina da Rua Câmara Cascudo com a Travessa José Alexandre Garcia. "O Espaço surgiu espontaneamente por iniciativa de artistas músicos e arquitetos, como parte integrante de um movimento cultural maior pela revitalização do nosso centro histórico", explica Marcelo Tinoco, arquiteto, professor e um dos músicos fundadores do Grupo.

Desde então, o prédio onde se instalou tem passado por uma série de adaptações, culminando com a construção do calçadão em julho de 2010. O "Buraco da Catita" tem atraído cada vez mais público de diferentes idades e gerado um efeito multiplicador no seu entorno, com a chegada de novos estabelecimentos comerciais.⁴



Figura 4: Espaço Cultural Buraco da Catita. Ribeira, Natal. Fonte: <http://buracodacatita.blogspot.com/>

Ambos os projetos influenciaram positivamente uma série de outras iniciativas culturais e comerciais no bairro, com a instalação de novos grupos artísticos, bares e restaurantes e pequenos comércios de apoio. Mais uma vez, percebendo o grande potencial gerado, a

II Seminário Internacional Urbicentros – Construir, Reconstruir, Desconstruir: morte e vida de centros urbanos Maceió (AL), 27 de setembro a 1º de outubro de 2011.

Casa da Ribeira, juntamente com o Espaço Cultural Dosol, propuseram um evento para reunir todas estas iniciativas, criando, com apoio do setor privado, o Circuito Cultural Ribeira, uma espécie de retomada da antiga atividade “Na Rua da Casa”, que agora se expandiu para todas as ruas do bairro.

Com apenas duas edições, o evento já se transformou numa das maiores atrações culturais da cidade. Na tarde e noite do primeiro domingo de cada mês, várias atividades são simultaneamente desenvolvidas em vários pontos da Ribeira, congregando teatro, música, dança, recitais de poesia, exposição de artes, e ainda um passeio ciclístico pelo bairro. Além da Casa da Ribeira e do Espaço Cultural DoSol, participaram do evento o Espaço Cultural Buraco da Catita, o Espaço Gira Dança, o Poesia Esporte Clube, o Atelier Flávio Freitas, dentre outros. “O Circuito Cultural Ribeira mostrou que foi um sucesso. Muita gente de todas as idades, em família, com os tios, avós, filhos, amigos, vindo de bicicleta, ônibus, carro, ou de táxi. Tinha atrações para os mais variados gostos e com toda a programação gratuita”.⁵



Figura 5: Movimentação na Rua Chile durante a 2ª edição do Circuito Cultural da Ribeira em 03/04/2011. Fonte: <http://circuitoculturalribeira.com.br/>

5 CONCLUSÕES

Estas iniciativas louváveis demonstram a importância da cultura na revitalização de centros antigos degradados e para a construção de uma nova identidade. Evidenciam também que, em grande parte, elas surgem da ação espontânea de grupos particulares, com o respaldo importante de leis federais e estaduais de incentivo à cultura. Mas, por outro lado, constata-se a quase total ausência do poder público local, cujas iniciativas são pontuais e pouco integradas a esses projetos culturais privados ou vêm a reboque dos mesmos, mediante demanda por melhoria na infra-estrutura urbana e equipamentos urbanos. Estudos acadêmicos recentes bem como depoimentos dos usuários destes espaços evidenciam o quanto ainda são deficientes aspectos essenciais como iluminação, limpeza e segurança

públicas, acessibilidade e estacionamento nestas áreas, problemas que são de responsabilidade do poder público local. Deve-se ainda enfrentar a questão da expansão do Porto de Natal, cujo funcionamento é economicamente importante, mas ao mesmo tempo conflitante com os novos usos culturais e residenciais incentivados no bairro da Ribeira.

Nota-se, ainda, considerável dissociação entre ações das três esferas públicas responsáveis pela conservação dos centros históricos; no caso estudado, além da Prefeitura Municipal do Natal, a Fundação José Augusto (estadual) e o IPHAN, em nível federal. Há também pouca orientação no que diz respeito a intervenções nos espaços arquitetônicos e urbanos, sobretudo considerando que muitos destes projetos de revitalização pela cultura se realizam em centros históricos e/ou em imóveis já tombados e os novos usos propostos podem não só significar nova vitalidade urbana, mas também verdadeira ameaça à sobrevivência de edifícios antigos (Veloso, 2007). No caso natalense, as iniciativas aqui destacadas visam notoriamente associar novas vitalidades à preservação do patrimônio edificado. Mas seria ainda necessária uma maior integração entre as ações públicas (em todos os três níveis citados) e privadas, de modo a se alcançar uma gestão mais eficiente e sustentável em prol da preservação e conservação de seu patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

AUDRERIE, Dominique. **Questions sur le patrimoine**. Bordeaux: Éditions Confluences, 2003.

BANDEIRA, Camilla *et al.* **Ribeira: um olhar sob diversas perspectivas**. Trabalho Integrado da I unidade. 7º período. Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRN, Natal, 2011.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2001.

COSTA, Gilmar de Siqueira. **Reutilização de imóveis de interesse patrimonial, voltados para a habitação: um estudo de caso da Ribeira – Natal/RN**. Natal, 2006, Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo/PPGAU) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

JEUDY, Henri-Pierre. **O espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

SILVA, Heitor de Andrade. **Revitalização de centros históricos: uma revisão de contextos e propostas: a Ribeira como estudo de caso**. Natal, 2002, Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

TINOCO, Marcelo; TRIGUEIRO, Edja; FERRAZ, Valéria. Novos usos, novos fluxos: complexidade e contradição na preservação arquitetural e reciclagem de edifícios no centro antigo de natal. In: **Anais do III Seminário Projetar**. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2007.

TRIGUEIRO, Edja B. F. *et al.* **Ribeira: plano de reabilitação de áreas centrais**. Natal: EDUFRN, 2008.

VELOSO, Maísa. Reusos adaptativos como estratégia de conservação do patrimônio edificado. In: **Anais do III Seminário Projetar**. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2007.

Notas

¹ Já de olho nesta nova população consumidora, empresários do setor privado reuniram-se recentemente para buscar, com o apoio do SEBRAE, meios de investir em comércios e serviços deficientes na área (supermercados, lojas de conveniências, e outros).

² <http://circuitoculturalribeira.com.br/>, comentário de 03 de abril de 2011.

³ www.casadaribeira.com.br

⁴ <http://buracodacatita.blogspot.com/>

⁵ <http://circuitoculturalribeira.com.br/>